

MAYNILA: SA MGA KUKO NG LIWANAG / 1975
“Manila, nas Garras do Néon”

Um filme de Lino Brocka

Argumento: Clodoaldo del Mundo Jr., baseado no romance “Sa Mga Kuko na Liwawang” (1975), de Edgardo Reyes / *Diretores de fotografia (35 mm, cor):* Mike de Leon e Clodoaldo del Mundo Jr. / *Música:* Max Jocson / *Montagem:* Ike Jarlego Jr e Edgardo Jarlego / *Som:* Luis Reyes e Ramón Reyes / *Interpretação:* Rafael Roco Jr., também conhecido como Bembol Roco (*Julio Madiaga*), Hilda Koronel (*Ligaya*), Lou Salvador Jr. (*Atong, o pedreiro amigo de Julio*), Danilo Posadas (*Benny, o pedreiro que canta*), Pio de Castro III (*Imo*), Jojo Abella (*Bobby, o prostituto*), Tommy Abuel (*Pol*), Tommy Yap (*Ah Tek, o homem que Júlio mata*), Julin Bagabaldo (*Mrs. Cruz*), Jun Macaplac (*o cliente de Júlio no bordel*), Fred Capulong (*o polícia*), Danilo Posadas (*Benny*), Joseph Jardinazo (*Frank*), Edipolo Erosido (*Eddie*), Pancho Pelagio (*Sr. Balajadia*), Lily Gamboa-Mendoza (*Perla*) e outros. *Produção:* Mike de Leon, para Cinema Artists (Manila) / *Cópia:* DCP, versão original com legendas em inglês e eletrônicas em português / *Duração:* 127 minutos / *Estreia mundial:* Filipinas, 16 de Julho de 1975 / *Estreia em Portugal:* ao que se crê, no Festival da Figueira da Foz, Junho de 1982. Primeira apresentação na Cinemateca a 24 de Outubro de 2014, no âmbito do ciclo “A Cinemateca com o DocLisboa – Neorealismo e Novos Realismos”.

As Filipinas, país pobre, submetido durante longos anos a uma ditadura e, facto peculiar na Ásia, com uma forte proporção de católicos, era um daqueles onde mais se ia ao cinema no mundo quando ainda se ia maciçamente ao cinema. Conta Lino Brocka numa entrevista que nos anos 70 e 80 cerca de 80% da população ia regularmente ao cinema. Nos anos 60, criou-se inclusive um termo para designar parte deste público: *bakya*, nome de um sapato com sola de madeira usado pelas classes populares. E esta vasta massa de espectadores via relativamente poucos filmes estrangeiros, via sobretudo a numerosa produção nacional, que nos anos 70 beirava os cento e cinquenta filmes por ano (por lei, as salas de cinema tinham de reservar 10% das suas horas de programação à produção local). Lino Brocka inseriu-se neste contexto desde a sua estreia na realização, em 1970. Aceitou as regras do jogo, para subvertê-las do interior. Fez filmes dirigidos ao público popular e situados nas classes populares, quase sempre com atores amadores, saídos deste meio social. Em géneros codificados, como o policial e o melodrama, Brocka insere uma dose considerável de realismo, que renova estes géneros e permite-lhe ir além da superfície narrativa.

O reconhecimento internacional de que Brocka foi objeto a partir de 1982 (e de que também beneficiaram outros cineastas filipinos, como Mike de Leon), quando INSIANG/INSIANG, O LÍRIO DE MANILA (1976) foi apresentado no Festival de Cannes, na Quinzena dos Realizadores, fez com que alguns dos seus filmes anteriores, como JAGUAR (1979) e MAYNILA SA MGA KUKO NG LIWANAG/“MANILA, NAS GARRAS DO NÉON” (1975), fossem distribuídos na Europa, o que reforçou a sua posição no seu país. A sua obra extensíssima é forçosamente desigual, mas filmes como MAYNILA, JAGUAR, INSIANG, BONA (1980) ou MACHO DANCER (1988), que compartilham as mesmas qualidades, garantem a perenidade do seu nome.

MAYNILA SA MGA KUKO NG LIWANAG adapta um folhetim publicado em fins dos anos 60 num jornal popular, que foi editado em livro no ano em que o filme foi realizado. Mike de Leon, que foi produtor e diretor de fotografia do filme, convidou Lino Brocka para a realização e como este tinha um projeto sobre um tema semelhante – a desumanização de um homem pobre vindo da província, que tenta “subir na vida” numa metrópole, atraído pelos seus néones, como um inseto é atraído pelas luzes – aceitou o convite, mas alterou diversas coisas no argumento, porque este, tal como o romance, “tinha um material rico, mas personagens pobres. No romance, o protagonista não tinha nenhuma dimensão trágica. Eu queria captar

uma realidade poética que mostrasse a situação de um provinciano na cidade e que desse ao personagem uma dimensão trágica”. Note-se ainda que foi Lino Brocka quem acrescentou a palavra *Manila* ao título: deste modo, a ação não se passa numa cidade qualquer, mas numa cidade específica.

O filme é nitidamente dividido em três partes, ao modo clássico: na primeira, acompanhamos os primeiros passos do jovem protagonista em Manila, a sua exploração, a solidariedade dos companheiros de trabalho; na segunda, seguimo-lo depois dele perder o emprego e se agarrar ao que pode para atingir o seu objetivo, reencontrar a namorada; na terceira, há o reencontro com ela e o desenlace, em que, depois de uma vingança passionai, o homem é linchado por pessoas da mesma condição social que ele. Em cada uma das partes, ele é acompanhado por um amigo, um que o inicia ao mundo do trabalho oficial, um segundo que o inicia a outra forma de trabalho – a prostituição – e o terceiro que o acompanha no mundo dos oprimidos, de que ambos fazem parte. Sem que nada seja verbalizado, sem que nunca o protagonista seja a vítima predestinada e exemplar de um conto sobre a exploração dos pobres, estamos cada vez menos diante de um caso genérico e cada vez mais diante de um indivíduo. E à medida que o filme progride cada vez nos aproximamos mais do drama – embora alguns críticos tenham falado em melodrama – depois de uma passagem repleta de humor, no bordel de rapazes (a magistral sequência da “iniciação” do protagonista é ao mesmo tempo a demonstração de uma realidade – a prostituição masculina é um trabalho mais bem pago do que muitas profissões reconhecidas, trata-se apenas de uma questão de dinheiro e não de sexo – e um grande momento cômico com o cãozinho estorvando um momento já de si não muito fácil).

Lino Brocka não se furta a utilizar certos procedimentos um tanto óbvios, como o *zoom*, que identifica o protagonista na multidão, numa das primeiras sequências, mas que garantem a inteligibilidade do filme para as plateias populares filipinas a que se destinava. E os seus *flashbacks* surgem de maneira súbita, geralmente acompanhados por uma música aguda, talvez numa lembrança dos procedimentos do cinema de Bollywood, para introduzir *flashbacks* sobre momentos de felicidade perdida. Este difícil equilíbrio entre procedimentos *de autor* e procedimentos de *cinema popular*, ou seja, entre aquilo que quer ser sutil e aquilo que tem de ser óbvio, é uma das marcas do melhor cinema de Lino Brocka e é particularmente nítido neste filme. Há sangue, sexo e “ação”, como parece ser indispensável a qualquer cinema popular, mas estes elementos são usados de modo muito comedido e são pretextos para abordar uma realidade social precisa: Júlio vem para Manila atrás de um sonho e quando este sonho lhe é roubado, ele mata e se destrói. Mas o seu não é um sonho genérico – ficar rico ou menos pobre – é um sonho pessoal: reencontrar a antiga namorada (e o que ela conta quando o reencontra é bem menos divertido do que aquilo que vemos no bordel masculino). O filme nada tem de um apólogo, não apresenta nenhuma saída (o desenlace dificilmente poderia ser menos otimista) e a transformação do protagonista nunca é verbalizada de maneira óbvia.

As qualidades *realistas* de Lino Brocka são inegáveis: os acontecimentos mais revoltantes (despedimentos, a ação do polícia) são mostrados de maneira *matter of fact*, como coisas em si (assim como a sequência em que uma prostituta vem satisfazer todo um grupo de pedreiros), sem julgamento moral. Todo o filme é mostrado do ponto de vista do protagonista: nunca temos uma visão de conjunto da cidade, nunca vemos um bairro rico, por exemplo. Mas paradoxalmente – e neste paradoxo está parte do segredo do cinema de Lino Brocka – o realizador consegue alargar os horizontes do filme, atingindo um ponto de equilíbrio entre a ideia e a coisa, o geral e o particular. Contrariamente ao que disseram alguns, Lino Brocka não foi uma “invenção” da crítica europeia e americana, ávida por novidades e com a vaidade pueril de “revelar” desconhecidos. Brocka fez alguns filmes que atravessaram magnificamente a prova do tempo. MAYNILA... é um deles.

Antonio Rodrigues